

## **Eu Queria Ser Criança Para Excursar No Museu Do Ipiranga**

Eu sou de Moçambique, Portugal e Brasil. A minha nacionalidade é MPB, três países que dizem como viver. Aqui cada nego se vira como pode, dá um jeito. Estão todos no mesmo caminho estreito, e enquanto caminham, averiguam seu defeito, que é estar analisando-o, pelo caminho que nunca será perfeito. E o que querem, é estarem livres, para criarem o próprio conceito. E o conceito começa com o meu país, a minha história. A cultura azul indígena. Eu sou tupi guarani e tomo açaí. A tinta na cara secada, espirrada pelas fuças de pindauí, a pedra pome que raspa no meu pé. As torres de palha e cabanas de barro, é tudo muito raro. É uma amazonas de amizades!

Minha terra tem floresta e cores que colore, tudo que é folclore! O arco-íris é originalmente tingido no Brasil. Depois sai pelo mundo colorindo o civil, o covil e o edil. Todos sabem que ele nasce na pátria do anil. Nem marimbondo, nem água de cantil podem descolorir esse Brasil de perfil.

Quilombo Dos Palmares sentiu, e já carimbou meu ingresso, com dez estaladas já tenho o passe e o verso.

Eu queria ser criança para excursar no Museu do Ipiranga. Eternamente! Voltar no tempo não tem como, mas vou excursar diariamente, até alcançar o eternamente!

Estou pronto para o embarque que logo chegará no parque. Canoas pesqueiras escafoides navegam nas escadarias do Rio Tietê, dentro do Museu! Desembarco no primeiro andar, e já vejo a fila despencar e berrar. O grito do Exclamar! Eu posso me realizar!

O Ipiranga está a me esperar, se é independência ou morte, isso eu vou averiguar, pra no Museu eu continuar, índios amigos a saudar, bandeirantes não deixo passar. Vi pedras, vi flechas, vi matos, mas não os mato. Os deixo seguir seu contrato, seja lá qual for o pacto.

Alá a sinházinha fumadora, o cachimbo já está no quadro.

Natureza se mescla com a construção “taipa de pilão” do edifício adro.

Nesse museu me sinto dentro do espetáculo.

Da construção à destruição à restauração à modernização.

O acervo, eu percebo, queremos todos descrevê-lo, impossível, pelo tamanho estupendo!

Estátuas te convidam a adentrar o corredor inteiro, te leva ao andar do andar. Nele, percebe-se o popular imponente. Estrememente, profitente, iminente, célebre herói da independência. Ele ergueu sua espada e gritou para a glória! A frase imortalizou-se no livro de história! Jardins que estão fora são também momentos dela... E o que dizer da biblioteca? Desde a inauguração do Museu do Ipiranga, ela já era uma palavra tupi guarani - grande Iporanga!

Tenho muito a dizer e ainda observar, paralisar e concentrar, porém, meu tempo na terra seria escasso para poder argumentar. Minha crônica eu hei de encerrar.

Vou agora descansar, e no Museu do Ipiranga, adentrar!